

## A FIGURA DE PRAECIA E SUA INFLUÊNCIA POLÍTICA NA VIDA DE LÚCULO DE PLUTARCO: APONTAMENTOS SOBRE O PAPEL DA PROSTITUTA NA SOCIEDADE ROMANA

*Amanda Lemos Fontes<sup>1</sup>*

**Resumo:** Dentre as diversas estratégias mobilizadas pelos homens no século I a.C. para o contorno de dificuldades ocasionadas pelo panorama de crise política, se encontrava a conexão com mulheres de estatuto baixo, como prostitutas, para a conquista de influência sobre seus parceiros sexuais mais permanentes. Esse foi o caso, por exemplo, da relação entre Lúcio Licínio Lúculo e Públio Cornélio Cétego, estabelecida através da conexão com a prostituta Praecia. No entanto, apesar de ter sido crucial para o processo político romano à época, Praecia não é mencionada em nenhuma das fontes contemporâneas à aliança de Cétego e Lúculo, sendo citada apenas por Plutarco em sua *Vida de Luculo* - composta no século II d.C. A pouca atenção a esta conexão vem levantando uma série de dúvidas sobre o papel de Praecia nessa aliança e o significado da descrição que Plutarco concede a essa mulher. E o presente artigo busca discutir o papel de Praecia no relacionamento sustentado entre Cétego e Lúculo como agente político ativo. Dedicar-se, ainda, a estabelecer sua descrição por Plutarco como parte de uma tradição literária responsável pela representação de prostitutas como um Outro subversivo através da adjetivação masculina de tais personagens.

**Palavras-chave:** Praecia, Luculo, Plutarco, prostituta, agente político

### PRAECIA'S FIGURE AND POLITICAL INFLUENCE IN PLUTARCH'S "LIFE OF LUCULLUS": SOME NOTES ON THE PROSTITUTE'S ROLE IN ROMAN SOCIETY

**Abstract:** Amongst the strategies men mobilized in the first century BC to overcome difficulties caused by the Late Republican political crisis, there was the association with women of low status, like prostitutes, to gain influence over their most permanent sexual partners. This was the case of the alliance between Lucius Licinius Lucullus and Publius Cornelius Cethegus, established through the connection with the prostitute Praecia. However, although crucial to the Roman political process at the time, Praecia is not mentioned in any of the contemporary sources to the Cethegus and Lucullus alliance, being cited only in Plutarch's "Life of Lucullus" - composed in the 2nd century A.D. Such little contemporary attention to this relationship has raised a series of doubts about Praecia's role in the alliance and the meaning of Plutarch's description of her. Thus, this article seeks to discuss Praecia's role in the bond sustained by Cethegus and Lucullus as an active political agent. Moreover, it aims to establish her description by Plutarch as part of a literary tradition responsible for the representation of prostitutes as a subversive Other through the application of masculine adjectives.

**Keywords:** Praecia, Lucullus, Plutarch, prostitute, political agent

Como era comum desde pelo menos o século II a.C., aqueles que haviam ocupado o consulado obrigatoriamente deveriam, no ano seguinte, ter seu poder de comando direcionado para a liderança das tropas romanas e a administração municipal nos mais importantes e complicados pontos de resistência provincial. Assim, quando da morte de Lúcio Otávio, governador da Cilícia, Lúcio Licínio Lúculo acreditava que o comando da

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em História Comparada (PPGHC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista CAPES.

região deveria ser seu, dado que tal acontecimento se desenrolou logo na época em que deveria se mobilizar para a ocupação de um proconsulado no ano de 73 a.C. (Plut. *Vit. Luc.* 6.2). Seu desejo encontrava fundamento não apenas no fato de a Cilícia ser uma região de grandes riquezas, mas também por ser uma província vizinha à Bitínia e ao Ponto, sob o comando de Mitrídates - que começava, mais uma vez, a se insinuar contra o domínio romano (KEAVENEY, 1992, p. 65-67).

Lúculo havia já, quando se encontrava na Ásia como proquestor, lutado contra Mitrídates e ganhado. E, caso se encontrasse no comando municipal vizinho quando da implosão de um novo conflito contra tal Rei, acreditava que a escolha lógica para a subjugação da região resistente seria ele. No entanto, a competição para o cargo foi tanta que, como não havia correlação direta dentre capacidade militar e influência na cidade, as medidas necessárias para se obter a maioria dos votos senatoriais no comando mitridático foram exacerbadas (Plut. *Vit. Luc.* 6.2). E, quando Lúculo se deu conta de que, apesar de sua influência e daquela de seu colega de consulado em 74 a.C., Aurélio Cota, ainda não possuía o voto da maioria, teve de se valer de outras estratégias para obtenção da mesma; procurando, então, se aproximar de Públio Cornélio Cétego.

Cétego era um ex-partidário de Cina que desertou para o lado de Sila perto do fim dos conflitos provocados pelos últimos na cidade. Pouco sabemos sobre sua vida e carreira, mas temos certeza de que possuía grande poder e influência (KEAVENEY, 1992, p. 68-70). E que, inclusive, já havia mobilizado sua autoridade juntamente a Cota quando da concessão do comando especial contra os piratas a Marco Antônio Orador (*MRR* 2.101). Fato que, certamente, não foi esquecido por Lúculo quando da necessidade de conquistar mais uma porção dos votos senatoriais além daquela leal a Cota, dado que elege se aproximar de Cétego.

No entanto, Lúculo não sustentava relações próximas com Cétego, incomodando-o, sobretudo, os hábitos sexuais deste homem (Plut. *Vit. Luc.* 5). Não obstante, curiosamente, foi desses mesmos hábitos sexuais que Lúculo se aproveitou para sua aproximação, dado que se utilizou da conexão prévia de Cétego com Praecia - uma de suas amantes – para a conquista de seus favores. Assim, no presente artigo, voltamo-nos para a descrição que Plutarco faz desse evento, com especial atenção à sua descrição da jovem Praecia:

Havia uma certa mulher em Roma, Praecia pelo nome, cuja fama por beleza e inteligência (*diavoítion*) encheu a cidade. Em outros aspectos, ela era nada mais que uma cortesã (*hetairai*) comum, mas usava seus

associados (*entugchanousin*) e companheiros (*dialegomenois*) para promover os esforços políticos de seus amigos (*philon*), e, portanto, acrescentou a seus encantos a reputação de alguém que era um verdadeiro camarada (*philetairos*) e alguém que podia levar as coisas a acontecer (*drasterios*). Ela assim adquiriu a maior influência (*kreítton*). E quando Cétego, então no auge de sua fama e no controle da cidade, também se juntou ao seu trem e se tornou seu amante, o poder político passou inteiramente para suas mãos. Nenhuma medida pública era aprovada a menos que Cétego fosse a favor, e Cétego não fazia nada sem a aprovação de Praecia. Essa mulher, então, Luculo conquistou com presentes e lisonjas, e foi sem dúvida um grande benefício (*misthos*) para uma mulher tão avançada e ostensiva ser vista compartilhando as ambições de Luculo. Imediatamente, ele teve Cétego cantando seus louvores e proclamando a Cilícia em seu favor. Assim que obteve essa província, não havia mais necessidade de solicitar a ajuda de Praecia, ou de Cétego, mas todos foram unânimes e rápidos em pôr em suas mãos a guerra mitridática, assegurando que ninguém mais poderia levá-la a um fim triunfante. (Plut. *Vit. Luc.* 6.2-4)<sup>2</sup>

A descrição plutarquiana de Praecia merece atenção e é o ponto central de nossa análise. Primeiramente, mesmo Plutarco sendo grego, ele vivia e escrevia sobre Roma e seus heróis do passado, reproduzindo, então, concepções tipicamente romanas de se pensar o mundo e as relações sociais. Assim, ele demonstra claramente como os romanos pensavam se dar as relações de poder. E, de modo geral, relações sociais que tomavam roupagem política, como foi o caso daquela sustentada entre Lúculo e Praecia, implicavam troca. Apenas se relacionavam aqueles que tinham algo para dar e algo para ganhar, principalmente quando se tratava de relações de amizade (*amicitia*). Por vezes, essa troca de favores era apenas simbólica, afeto sendo trocado por afeto; mas em fins da República, mais comumente que não, essa troca tinha teor majoritariamente político (BRUNT, 1965, p. 9-21).

No entanto, mulheres não poderiam ser *amici*, ou, em grego, *philetairos*. Esse tipo de relação, sobretudo na temporalidade que analisamos, possuía roupagem majoritariamente pública. E mulheres não eram e nunca foram bem-vindas no universo político das relações sociais em Roma e muito menos na Grécia. Nem sequer existia um equivalente feminino para tal palavra, pelo menos não oficialmente (FOGEL, 2009). Mas então, por que Plutarco descreve Praecia com tal expressão, caracteristicamente masculina?

Na verdade, Praecia não é a única mulher romana a ser descrita como *philetairos*. E nem Plutarco é o único autor antigo a aplicar tal termo. Muitos foram aqueles que o

---

<sup>2</sup> Tradução livre do inglês.

fizeram. Mas o faziam um tanto quanto ironicamente, como um artifício retórico. Mulheres não faziam parte do universo político romano, sendo suas principais características, de acordo com o ideal, a passividade e a obediência, além do descontrole de suas capacidades mentais e sexuais - *imbecilitas mentis* (THOMAS, 1990, p. 127).

Principalmente quando se tratava de uma mulher de baixo estatuto e poder econômico, como libertas e prostitutas, nada do que ela poderia oferecer em troca de uma relação de amizade com homens políticos importantes seria de grande valor, pelo menos de acordo com a concepção moral romana. A não ser, é claro, que utilizasse de seu único bem permanente nessas relações. Ou seja, seu corpo (STRONG, 2016, p. 34). Assim, mulheres que foram comumente referidas como amigas ou “camaradas” pela tradição histórica antiga foram aquelas que se tornaram conhecidas por fornecerem serviços sexuais em troca de fama e dinheiro.

Praecia, no entanto, se destaca dentre essas famosas amigas. Ela trocava serviços sexuais não por fama ou pelo mero privilégio de ser vista publicamente com um homem influente e importante para a cidade. Plutarco deixa implícito, em sua descrição do ocorrido, que Praecia realizava trocas entre sexo e controle político. Uma prostituta, ao se relacionar com homens influentes do universo administrativo romano, controlava total e completamente os destinos políticos da cidade através de sua aptidão sexual. E, principalmente ao se relacionar com Cétego, qualquer decisão que fosse tomada na cidade de Roma à época deveria necessariamente passar pela aprovação de Praecia, como é explicitamente afirmado por Plutarco no trecho destacado.

A valer, todo o vocabulário aplicado por Plutarco à Praecia entona certo grau de promiscuidade às suas ações. Isso porque toda a adjetivação que faz da jovem se encontra no masculino, como *entugchanousin* e *philetairos*. Termos que acreditamos terem sido empregados conscientemente pelo autor, dado que podem ser interpretados como caracterizando um comportamento tanto amigável quanto sexual; mas que, quando aplicados a mulheres, principalmente àquelas identificadas como *hetaerae*<sup>3</sup>, implicam em promiscuidade (STRONG, 2016, p. 70).

A descrição que Plutarco faz dessa mulher, então, é cerceada por afirmações nas entrelinhas; ele insinua a sexualidade dela. Dessa forma, Plutarco estaria caracterizando as conexões políticas de Praecia como obtidas através de relacionamentos de natureza

---

<sup>3</sup> Prostitutas que atendiam a um número pequeno e definido de clientes que possuíam proeminência política, sendo geralmente, membros da elite, com os quais sustentavam relacionamentos de longa data (KURKE, 1997, p. 107–108).

sexual, ao mesmo tempo em que estabelece a figura dessa mulher como ambígua, simultaneamente prostituta sexualizada e parte do clube dos homens: ela vende seu corpo em troca de favores, mas também é inteligente, esperta, sabe com quem andar e controla a cena política como ninguém. Características não tradicionalmente associadas a mulheres na Antiguidade.

A ambiguidade com relação à figura de Praecia é reforçada mais ainda quando da descrição da relação que sustentou com Lúculo. Com efeito, Plutarco, mais uma vez, se utiliza de subterfúgios quando da adjetivação de tal conexão. Em um primeiro nível, o relacionamento sustentado por eles parece ter sido amigável apenas: Lúculo teria conquistado o afeto de Praecia através da oferta de presentes e elogios, estabelecendo com ela uma relação de amizade. E, ao se associar publicamente com Praecia, estaria conferindo *fama* sobre ela. Enquanto isso, Praecia, como retribuição da notoriedade que ganhou, não apenas apresentou Lúculo a Cétego, mas também abdicou a favor do general ao seu amante.

No entanto, tudo isso muda quando nos voltamos para a expressão utilizada por Plutarco ao descrever tal relacionamento: ele menciona que ser vista publicamente com Lúculo era o *misthos* de Praecia. Termo que, de acordo com Strong (2016, p.71), se referia às taxas cobradas por prostitutas gregas. Com efeito, Plutarco pode ter aplicado tal expressão à descrição do relacionamento de Praecia e Lúculo como um simbolismo, que representasse a leve ferida que ser visto em público acompanhado de uma prostituta famosa acarretaria à sua imagem pública como o preço a pagar pela interferência dela no processo de concessão provincial.

Contudo, existia um sem número de outras formas e expressões das quais o autor poderia ter se valido em sua descrição, o que, por sua vez, nos faz acreditar que, novamente, Plutarco esteja se comunicando com o público nas entrelinhas. Assim, o autor poderia estar insinuando nessa passagem que, apesar de ter buscado se manter sempre como visualmente atrelado à tradição moral romana, Lúculo teria se envolvido sexualmente com a jovem, lhe pagando a taxa referente à oferta de seus serviços pelo menos em algum momento da relação, o que, por sua vez, implicaria o estabelecimento de uma relação sexual entre eles.

Nossa defesa de que tais descrições implicavam promiscuidade à figura de Praecia, sobretudo quando nos referimos à sua caracterização por meio de adjetivos masculinos, foi apresentada por nós no Colóquio *Eurykleia*. No entanto, em discussão ocorrida após a apresentação de nosso argumento, nos foi sugerido que a adjetivação

concedida por Plutarco à Praecia, principalmente por ter sido feita no masculino, na verdade estivesse se referindo a Lúculo. Sendo assim, a crítica de Plutarco às ações de Praecia tidas como amorais, notadamente o estabelecimento de relações sexuais em troca de favores políticos, funcionaria como uma ferramenta retórica. O que, com efeito, implica que essas expressões estariam criticando não Praecia, mas sim Lúculo - argumento que parte da premissa de que, por conta de Plutarco ter Lúculo como o personagem principal de sua narrativa, não poder criticá-lo de forma explícita. Além disso, foi levantado como justificativa para tal defesa o fato de, tradicionalmente, a crítica às ações de mulheres na documentação antiga ter como alvo os homens de suas vidas - responsáveis pelo controle delas.

Contudo, temos uma leitura diferente. Primeiramente, Plutarco poderia sim criticar Lúculo na biografia que compôs sobre a vida de tal personagem. Inclusive, a crítica às ações dos homens sobre os quais se debruça é um *topos* da obra plutarquiana, principalmente quando essa crítica poderia ter o descumprimento dos protocolos comportamentais da oligarquia romana como sua base, a exemplo da manipulação da política por conexões pessoais (ROSKAM, 2008, p. 325-338). Essa mesma crítica está presente nas biografias que realizou de César (*Vit. Caes.* 1.1-8, 5.1, 14.7-12), de Pompeu (*Vit. Pomp.* 4.2-3, 47.6, 70.4), de Sila (*Vit. Sull.* 6.5, 6.10-12, 33.2-4), de Crasso (*Vit. Crass.* 1.1, 8.3, 32.4-5, 33.1) e de Mário (*Vit. Mar.* 6.2, 17.1-3). Ademais, ela se encontra presente também nos tratados morais compostos por Plutarco no século II d.C., conhecidos como *Moralia*, principalmente, mas não exclusivamente, em *De amicorum multitudine* (93D, 95A-C) e *Praecepta gerendae reipublicae* (798C-799A, 800D-801A, 803C).

Na verdade, identificamos dois momentos narrativos distintos na obra em que o autor grego se propõe a discutir a conduta de Lúculo: um primeiro (*Vit. Luc.* 1.1-37.4) no qual descreve sua carreira política e um segundo (*Vit. Luc.* 38.1-43.2) no qual, em grande parte, descreve sua vida pós abandono da esfera pública. Nessa primeira parte da narrativa plutarquiana sobre o decorrer da carreira de Lúculo, onde se encontra a descrição de seu relacionamento com Praecia, Plutarco o elogia constantemente ao mesmo tempo em que o critica pelas suas escolhas políticas menos que ideais de forma explícita. E Plutarco, como afirmou Gossage (1967, p. 51 *apud.* LAVERY, 1994, p. 261), escrevia tendo por base ideais filosóficos. Caso acreditasse que o relacionamento de Praecia e Lúculo significasse algum erro moral tão extravagante, certamente o teria dito de forma explícita, como o fez tantas outras vezes.

Lúculo foi um homem de contradições e paradoxos, assim como todos os personagens que compõem as *Vidas Paralelas* de Plutarco. Como afirmou Lavery (1994, p. 263), a maior parte das biografias do autor grego trata de figuras do século final da República, dificilmente uma época marcada por idealismos políticos e práticos. O que acabou fazendo com que Plutarco concebesse tais homens como moral e politicamente ambíguos. E Lúculo, claro, não é exceção.

Lúculo foi um homem que sempre procurou agir de acordo com a tradição, mas desvios da mesma não eram considerados como empecilhos para a conquista de seus objetivos (LAVERY, 1994) e o caso da aliança que formou com Cétego e Cota foi uma dessas ocasiões. No entanto, não acreditamos que a crítica de Plutarco caia sobre Lúculo por conta de Praecia, ou que os adjetivos que aplica à jovem, na verdade, digam respeito ao general. Ao contrário, acreditamos que, caso Plutarco esteja criticando Lúculo de alguma forma, o autor estaria, na verdade, questionando as atitudes do general por ter optado por se aproximar de Cétego, um antigo marianista visto com grande suspeita à época; e não de Praecia, uma mulher que parece ter ocupado o papel próximo ao de um intermediário aos olhos de Plutarco - e da maior parte dos historiadores modernos, como Strong (2016, p.71), Keaveney (1992, p.70-72) e Steel (2014, p. 330).

Além disso, nos parece que mesmo que Lúculo tenha de fato manchado sua *dignitas* em seu envolvimento com a jovem, isso seria perdoável para o autor, dado que, na ocasião, o ex-cônsul não teria tido outra opção de conquistar seu objetivo maior. Logo antes de sua descrição da jovem Praecia, então, Plutarco escreveu que Lúculo foi praticamente obrigado a se relacionar com a mesma dadas as circunstâncias: "contrário a sua inclinação natural, ele [Luculo] foi levado pelas necessidades do caso a adotar um curso que não era digno nem louvável, é verdade, mas propício ao seu fim" (Plutarco. *Vit. Luc.* 6.2).

Ainda, a ênfase que o autor concede à natureza ínfima de tal relacionamento atesta que o mesmo não teria considerado tal conduta tão imoral: o relacionamento foi estabelecido por conta daquilo que Lúculo acreditava ser o bem maior e não foi mantido após a conquista de seus objetivos; o que acaba por justificar sua conduta. Portanto, acreditamos ser improvável que a crítica contida nas palavras de Plutarco na descrição de Praecia, mesmo que sua adjetivação se encontre quase que totalmente no masculino, se dirija a alguém que não a jovem prostituta.

Somado a isso, a referência a mulheres libertinas com adjetivos masculinos é um *topos* da tradição literária antiga, pois sendo Roma uma sociedade extremamente

patriarcal, não havia meios de se lidar e caracterizar mulheres que desviavam drasticamente do ideal. Prostitutas não se encaixavam na hierarquia sexual patriarcal romana e, como tal, a adjetivação masculina das mesmas na literatura serviria para indicar tal estado de não pertencimento (STRONG, 2016, p. 71). Sinalizando, assim, a característica *queer* dessas mulheres (RUBIN, 1984, p. 3-44).

Esse aspecto do não pertencimento sexual de determinadas mulheres simbolizado através de ferramentas retóricas masculinas se encontra também presente nas vestes tradicionalmente usadas por prostitutas e Virgens Vestais: a toga - veste tradicional do homem político romano (OLSON, 2002, p. 393-395; MCGINN, 1998, p. 157). A toga, na verdade, não era apenas uma vestimenta masculina qualquer; por conta de sua impraticabilidade, ela era reservada especificamente para situações cerimoniais, políticas e formais - ocasiões marcadamente públicas. Uma mulher usar uma toga, assim, seria o equivalente de marcar a si mesma e seu corpo como proeminentemente públicos. Aqui, concordamos com Strong (2016, p. 22), segundo a qual a disponibilidade sexual de uma mulher parece ser equivalente visualmente a um homem concorrendo a um cargo político, o que é simbolizado através de sua vestimenta.

Assim, a toga marcaria as prostitutas como públicas, simbolicamente *queer* e fora do padrão convencional de normas de gênero; se aproximando, então, do argumento sustentado por Mary Beard (1980, p. 12-27; 1995, p. 167-168, 174) no que diz respeito à vestimenta de Virgens Vestais. De acordo com tal autora, as vestimentas e os privilégios legais das Vestais confundiam as linhas que demarcavam não apenas os ideais de esposa e solteira, mas também aquelas que delimitavam masculino e feminino; estabelecendo-as, então, como *queer*. Ao mesmo tempo, foram as funções e o *status* das Vestais que ajudaram a construir ideias de comportamento virtuoso para matronas e solteiras (STAPLES, 1998, p. 182).

Podemos enxergar as prostitutas, então, de forma semelhante, sendo concebidas pelos romanos como o equivalente perverso das Vestais. Como elas, prostitutas possuíam aspectos masculinos e femininos e incorporavam elementos de mulheres casadas ou não. Como afirmou Strong (2016, p. 20-24), a Vestal é *queer* por ser sexualmente indisponível para todos e a prostituta o é precisamente por ser o contrário dela: disponível para todos. Nenhuma das duas se encaixa no ciclo de vida tradicional da mulher romana, com sua existência ajudando a definir e fortalecer categorias normativas de ser e agir, dado que eram concebidas como Outro: a vestal como o Outro ideal e bom e a prostituta como o Outro subversivo e perverso.

Assim, acreditamos que esse paradigma de classificação de mulheres que desviavam do padrão ideal como masculinas pelo uso de vestes atreladas ao mundo do homem acabou por transparecer na tradição literária, principalmente quando se tratava de prostitutas e libertas, como era o caso de Praecia. O que, conseqüentemente, fez com que essas mulheres fossem tradicionalmente adjetivadas no masculino em ordem de indicar a natureza de suas ações e a promiscuidade\publicidade com que elas eram estabelecidas. Ainda, não acreditamos que a aplicação dos adjetivos selecionados por Plutarco para caracterizar o comportamento marcadamente sexual de Praecia teria o mesmo efeito de crítica caso se aplicasse a Lúculo. Sendo ele um homem e os adjetivos se encontrando no masculino, caso se referissem ao próprio, perderiam sua função como indicativo de subversão, passando a ser, então, apenas uma caracterização de Lúculo como um homem amigável.

Por fim, caso alguém que não Praecia estivesse sendo criticado por conta da relação descrita por Plutarco, esse alguém seria Cétego, como explicitamos anteriormente. Desde os anos da República Tardia até os tempos imperiais, autores romanos se utilizaram sim da acusação de subversão do processo político por mulheres através do exercício de sua influência sobre os homens de suas vidas como crítica a esses homens (GARDNER, 1986, p. 132-135; 250-253). O que automaticamente feminizava os mesmos ao representá-los como estando sobre o controle total de suas amantes, indo diretamente contra o princípio romano de que o homem deveria controlar a mulher em todas as situações (THOMAS, 1990, p. 178-202). No entanto, essas críticas se direcionavam a relacionamentos duradouros, e a aliança que Lúculo sustentou com Praecia, como também foi destacado anteriormente, foi um tanto quanto breve. Além disso, quem foi manipulado na relação foi Cétego, e não Lúculo.

Nesse caso de inversão das dinâmicas de poder tradicionais romanas, somos lembrados da "escala de poder" de Lowell Edmunds (1992). Nesse artigo, o autor comenta a lógica da distribuição e transmissão de poder em Roma, que, quando aplicada a essa situação, demonstra mulheres que dominam homens e homens que dominam Roma. Seguindo uma lógica linear, então, onde A domina B que domina C, caso uma mulher tivesse influência excessiva sobre um magistrado, ela controlava Roma; conseqüentemente colocando em xeque a hierarquia fundamental do governo e da sociedade romana em geral. Tal situação, de acordo com Strong (2016, p. 66), se torna ainda mais extrema quando as mulheres em questão eram prostitutas ou libertas, como Praecia. Paradigma que se encontra refletido na fala de Plutarco acerca do controle que

Praecia possuía sobre Cétego e, conseqüentemente, todo o processo de tomada de decisões políticas na cidade.

Esse aspecto de subversão da hierarquia de comando fazendo com que fossem, de fato, as mulheres a controlar os destinos políticos da cidade ao invés de seus amantes homens, talvez também possa ser uma explicação mais do que plausível para uma adjetivação masculina de Praecia no trecho aqui analisado. Dado que, de forma semelhante à utilização da toga como marcadamente pública, visto sua simbologia política, o controle do processo de tomada de decisões era função caracteristicamente masculina.

De forma semelhante à discussão sobre a quem a crítica plutarquiana estaria se dirigindo, Praecia não ser mencionada em nenhuma outra fonte da época vem causando certo grau de suspeita, sobretudo no que tange o papel efetivamente ocupado pela jovem na aliança estabelecida entre Lúculo e Cétego - como é o caso de Lee Fratantuono (2017, cap. 3, n. 39 e 40), por exemplo. Porém, acreditamos ser a mesma uma suspeita que pouco se sustenta.

Primeiramente, apesar de o próprio Plutarco ser conhecido por dramatizar as ações de suas personagens com o intuito de causar uma maior comoção, na ocasião em que a menção à jovem cortesã se dá, o autor não se vale de artifícios retóricos que ponham em xeque o fato de estar se utilizando de uma enunciação um tanto quanto fria e atrelada aos fatos (VAN OOTEGHEM, 1959, p.54, n.6) . Claro, como é seu costume, há um certo teor moralizante em seus escritos, como já foi discutido previamente, mas a possível veracidade dos fatos narrados não se torna automaticamente inexistente por conta desse fator.

Ademais, Plutarco não é, de fato, o único autor a citá-la. Cícero também o faz. Porém, de forma disfarçada. Nos seus *Paradoxa Stoicorum* (5.40), há uma passagem em que Cícero menciona Praecia nas entrelinhas. Nela, Cícero se dedica a comentar sobre a liberdade, argumentando se aproximar de escravos aqueles homens que dependem dos favores de mulheres, principalmente de amantes e prostitutas, para a fruição de seus objetivos e aludindo, então, à subordinação de Cétego à jovem e à suplicação de Lúculo à mesma. Esse trecho torna claro o fato de Cícero ter estado ciente do envolvimento da jovem cortesã na relação, apesar de não ter sido citada nominalmente.

Inclusive, como foi apontado por Shackleton Bailey (1976, p. 61, 126), talvez Praecia tivesse algum envolvimento de parentesco com Precius, um homem de quem Cícero parece ter sido próximo e com quem trocava correspondência amigável (*Ad Fam.*

7.8.2, 14.5.2, *Ad Att.* 9.9.4, 6.9.2). Caso tal suposição fosse o caso, a escolha de não a envolver diretamente em sua narrativa se torna justificada. Todavia, mesmo que Praecia não tenha tido relação alguma com Precius, a sua não aparição nominal na narrativa ciceroniana de forma alguma implica seu não envolvimento na situação.

Além disso, existem outros motivos para a não ocorrência do nome de Praecia nas fontes da época, explicitados em artigo composto por David Schaps (1977). De acordo com tal autor, a ausência da menção nominal de mulheres por autores da Antiguidade, principalmente oradores como Cícero, seria uma evitação deliberada. E apesar de o autor argumentar a maior facilidade de se citar nomes de prostitutas e mulheres de estatuto inferior, ele também menciona que essa não era uma regra geral; ainda mais quando a mulher em questão poderia ser relacionada ao orador de alguma forma.

Na verdade, consideramos o argumento da inexistência de Praecia por conta dos pressupostos acima destacados como tendo um tom caracteristicamente patriarcal. Nos parecendo partir do princípio de que, se uma mulher tivesse esse nível de influência, ela necessariamente teria que ser uma invenção cunhada para demonstrar a fraqueza dos homens com ela envolvidos. E a mesma crítica pode se aplicar à hipótese de que a adjetivação de Praecia esteja, na verdade, se referindo a Lúculo ou até mesmo Cétego. O fato de a jovem não ser citada nominalmente por Cícero não faz com que sua não existência seja, automaticamente, a explicação mais plausível no leque de possibilidades do porquê ela não o ter sido. Da mesma forma que uma adjetivação no masculino de suas atividades não necessariamente implicava uma referência aos homens com ela envolvidos.

Tal ausência muito menos a exclui como agente político. Principalmente quando levamos em consideração que Plutarco era um autor que buscava conceder especial atenção às mulheres, tendendo, inclusive, a enfatizar e glorificar o papel delas na política onde quer que as encontrasse. Isso claramente não quer dizer que Plutarco era um “feminista”, como foi concebido por autores como Nikolaidis (1997, p. 87-88), mas sim que estava ciente do papel que mulheres possuíam no mundo político, mesmo que por trás das cortinas.

Plutarco, ao contrário de seus contemporâneos, compôs tratados filosóficos sobre mulheres e seus papéis políticos. Quase um quarto das suas *Quaestiones Romanae* lida com problemas concernentes às mulheres (1, 2, 6, 7, 8, 16, 17, 20, 26, 29, 30, 35, 50, 52, 55, 56, 57, 60, 65, 87, 100, 108). Suas *Quaestiones convivales* também focam em mulheres ocasionalmente (650F; 653B; 710B). Nas suas *Vidas Paralelas* contamos com

aproximadamente 260 mulheres nomeadas (NIKOLAIDIS, 1997, p. 32, n. 20). E no *Convivium Septem Sapientium* (3, 4, 10, 13), encontramos a figura de Eumetis - uma mulher que classifica como sábia, com interesses políticos e que apresenta grande *benevolentia*.

É claro, essa preocupação em nomear mulheres e as enxergar como um pouco mais do que objetos inanimados – ponto no qual se diferencia da tradição literária antiga em sua maioria - não limitava Plutarco a aplicar julgamentos morais aos seus comportamentos, e mais comumente que não, as figuras femininas citadas pelo autor apresentam tom ambíguo em sua descrição (WALCOT, 1999). Ao mesmo tempo em que são elogiadas pela sua inteligência e sagacidade, são criticadas pela maior parte de suas ações – de forma semelhante aos seus personagens masculinos, como foi explicitado anteriormente.

O caso de Praecia, então, nos parece ser mais um desses em que o autor se preocupou em destacar a influência feminina por trás das cortinas, grandemente negligenciada pela tradição antiga. Inclusive, essa jovem prostituta não é a única mulher que possuiu determinada influência política como cortesã, cuja menção nas fontes se encontra apenas em Plutarco. Esse é também o caso de Flora (Plutarco. *Vida de Pompeu*. 2.2-2.4), amante de Pompeu, cujo envolvimento forçado com Geminus foi responsável pela consolidação do relacionamento desses homens.

É no mínimo curioso que uma situação tão semelhante àquela da relação estabelecida entre Lúculo, Cétego e Praecia, apesar de aparecerem apenas em Plutarco, não sofra tantos questionamentos. Em ambas ocasiões, cortesãs tiveram participação ativa no processo de tomada de decisões, colaborando com a consolidação de laços específicos e não duradouros. Flora teria sido entregue por Pompeu de presente a Geminus como uma forma de reforçar o relacionamento que ambos possuíam. Praecia, por sua vez, teria agido em favor de Lúculo no estabelecimento de uma relação breve entre ele e Cétego.

No entanto, uma dessas mulheres teve uma participação um tanto mais ativa que a outra. Enquanto Flora parece ter sido quase que obrigada a se envolver com Geminus a mando de Pompeu, Praecia agiu por livre e espontânea vontade. E apesar de Plutarco nos relatar que Flora costumava se vangloriar de seu relacionamento com ambos os homens quando atingiu idade mais avançada, isso ainda não muda o fato de que ela se apresentou

com grande relutância perante a possibilidade de se envolver com Geminus, tendo sido obrigada a se relacionar com o mesmo apesar de seu não consentimento inicial<sup>4</sup>.

Ao contrário, Praecia não foi obrigada a nada em momento algum da situação. Lúculo teve de se esforçar para conquistar seus afetos e apenas a abordou sobre o estabelecimento de uma possível aliança após já ter certeza de que os possuía. Mesmo que Lúculo tenha se relacionado sexualmente com a jovem prostituta, lhe concedendo fama e notoriedade, como foi suposto previamente, ela poderia ter simplesmente se recusado a agir em seu favor perante Cétego. E, ainda que a jovem estivesse atrelada a Lúculo pelos laços da amizade, seria completamente plausível que ela não abdicasse em seu favor a Cétego e optasse por lhe conceder outro benefício. O ponto é que Praecia não tinha obrigação legal ou social alguma para com Lúculo, mas, mesmo assim, ela optou por manipular Cétego a favor dele.

Praecia, na verdade, foi mais do que a intermediária entre dois homens como foi concebido por Plutarco e grande parte da tradição historiográfica atual, ela foi o agente da aliança. E acreditamos que seja esse o ponto principal que leva autores e historiadores a duvidarem, até hoje, de sua existência e de seu envolvimento na situação. O grande problema para tais autores, na verdade, não se encontra no fato de Praecia ser pouco mencionada nas fontes ou na sua adjetivação masculina, dado que a situação é a mesma no caso de Flora – como demonstramos. Ao contrário, para eles, consciente ou inconscientemente, nos parece ser problemático o grau de autonomia de tal mulher no estabelecimento de uma aliança tão importante não apenas para a carreira de Lúculo, mas também para o futuro da cidade. Para eles, Flora, como foi abrigada a agir por um homem, não tem sua existência questionada; enquanto Praecia, por ter agido espontaneamente, automaticamente deixa de existir.

Por fim, dado o papel crucial de Praecia na relação, acreditamos que essa mulher tenha sido a primeira representante de uma tradição que aponta a influência e o controle feminino do mundo político por trás das cortinas do teatro cotidiano na República Tardia. Apesar de Praecia, por ser mulher, não poder ocupar nenhuma magistratura, ela não deixava de ser um agente político. É claro, as insinuações de Plutarco sobre seu comportamento sexual acabaram por relegar a figura dessa jovem cortesã aos porões da

---

<sup>4</sup> Por conta da relutância demonstrada por Flora quando da sugestão de que se relacionasse com Geminus e do fato de Pompeu tê-la obrigado a se envolver com tal homem, até hoje é muito discutida a natureza do relacionamento estabelecido dentre essas duas personagens. Há aqueles que afirmam Flora como apenas mais uma dentre as diversas conquistas amorosas do general. No entanto, há também aqueles que acreditam que a cortesã tenha sido cliente ou liberta de Pompeu (STRONG, 2016, p. 67-70, 77, 93-96).

história política. Mas o nível de influência que ela possuía era inegável, ainda mais quando levamos em consideração o fato de a mesma ter sido uma mulher, prostituta, da qual sabemos muito pouco e cuja família, muito provavelmente, não apresentava senadores e nem magistrados - talvez apenas um jurista pouco conhecido.

## BIBLIOGRAFIA

### DOCUMENTAÇÃO

PLUTARCO. *Lives, Volume II: Themistocles and Camillus. Aristides and Cato Major. Cimon and Lucullus.* Tradução de Bernadotte Perrin. Loeb Classical Library 47. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, R. *Women and Politics in Ancient Rome.* Londres: Routledge, 1992
- BEARD, M. "The sexual status of Vestal Virgins." in. *Journal of Roman Studies*, 70 (1980): 12–27.
- \_\_\_\_\_. "Re-reading Vestal Virginité," in. HAWLEY, R.; LEVICK, B. (eds.) *Women in Antiquity: New Assessments.* Nova York: Routledge, 1995, p. 166–77.
- BROUGHTON, T. *The Magistrates of the Roman Republic, Volume II: 99 BC-31BC.* Nova York: The American Philological Association, 1952.
- BRUNT, P. *Amicitia* in the Late Roman Republic. in. *The Cambridge Classical Journal / Volume 11 / January 1965*, pp 1 - 20.
- EDMUNDS, L. Lucilius 730M: A Scale of Power. in. *Harvard Studies in Classical Philology*, Vol. 94,1992, pp. 217-225.
- FOGEL, J. Can girls be friends? Talking about Gender in Cicero's *de Amicitia*. in. *Classical World*, Volume 103, Number 1, Fall 2009.
- FRATANTUONO, L. *Lucullus: the life and campaigns of a Roman conqueror.* South Yorkshire: Pen & Sword Military, 2017.
- GARDNER, J. *Women in Roman Law and Society.* Londres: Croom Helm, 1986.
- GELZER, M. *The Roman Nobility.* Londres: Basil Blackwell, 1969.
- GRUEN, E. *The last generation of the Roman Republic.* Berkely: University of California Press, 1974.
- KEAVENEY, A. *Lucullus: A Life.* Nova York: Routledge, 1992.
- KURKE, L. Inventing the "Hetaira": Sex, Politics, and Discursive Conflict in Archaic Greece. in. *Classical Antiquity*, Vol. 16, No. 1 (Apr., 1997), pp. 106-150
- LIVERY, G. Plutarch's Lucullus and the Living Bond of Biography. in. *The Classical Journal*, Vol. 89, No. 3 (Feb. - Mar., 1994), pp. 261-273.
- MCGINN, T. *Prostitution, Sexuality and the Law in Ancient Rome.* Nova York: Oxford University Press, 1998.
- NIKOLAIDIS, A. Plutarch on Women and Marriage. in. *Wiener Studien*, Vol. 110 (1997), pp. 27-88.
- OLSON, K. Matrona and whore: the clothing of women in Roman Antiquity. in. *Fashion Theory: the journal of dress, body and culture*, vol. 6, n. 4 (2002), p. 387-420.
- ROSKAM, G. Two Roads to Politics: Plutarch on the Statesman's Entry in Political Life. in. NIKOLAIDIS, A. (ed.) *The Unity of Plutarch's Work: 'Moralia' Themes in the 'Lives', Features of the 'Lives' in the 'Moralia'.* Berlim: Walterde Gruyter, 2008.

- SHACKLETON BAILEY, R. *Two Studies on Roman Nomenclature*. Nova York: The American Philological Association, 1976.
- RUBIN, G. "Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality" in. VANCE, C. (ed.) *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. Londres: Routledge, 1984.
- SCHAPS, D. The Woman Least Mentioned: Etiquette and Women's Names. in. *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 27, No. 2 (1977), pp. 323-330.
- STAPLES, A. *From Good Goddess to Vestal Virgins: Sex and Category in Roman Religion*. New York: Routledge, 1998.
- STRONG, A. *Prostitutes and Matrons in the Roman World*. Nova York: Cambridge University Press, 2016.
- THOMAS, Y. A divisão dos sexos no direito romano. in. PERROT, M.; SCHMITT PANTEL, P.; DUBY, G. *História das Mulheres: A Antiguidade*. Lisboa: Edições Afrontamento, 1990.
- VAN OOTEGHEM, J. *Lucius Licinius Lucullus*. Bruxelas: Palais Des Académies, 1959.
- WALCOT, P. Plutarch on women. in. *Symbolae Osloenses: Norwegian Journal of Greek and Latin Studies*, 74:1, 163-183.